



ELEIÇÕES

Casal Bolsonaro tenta reverter insucesso no pleito de 2020. Enquanto o ex-presidente troca as lives pedindo votos a aliados pelas ruas, em carreatas e comícios, Michelle se empenha em eleger candidatas mulheres da direita

Cabo eleitoral turbinado em 2024

» EVANDRO ÉBOLI

Longe do Planalto e circulando o país, o casal Jair Bolsonaro e Michelle Bolsonaro busca reverter a imagem do passado de cabo eleitoral de insucesso. Diferentemente da última eleição municipal, em 2020, quando Bolsonaro estava na Presidência da República, o ex-presidente está mais ativo nas eleições para prefeito neste ano e atuante, viajando em campanha para seus aliados. Também diverso de quatro anos atrás, o ex-chefe do Executivo trocou as lives pedindo votos para seus aliados pelas ruas, em carreatas e manifestações.

O desempenho de Bolsonaro como cabo eleitoral não foi bom naquele ano. Ele fez campanha nas suas "lives eleitorais" para 58 candidatos. O então presidente abriu espaço para os postulantes em transmissões de sua mesa no Alvorada, usando estrutura do governo. Ele exibia santinhos com o nome do candidato e seu número. Usava até o intérprete de libras oficial para esse fim. Cada transmissão durava entre 40 minutos a uma hora.

Era procurado por muitos simpatizantes que eram candidatos, mas dizia que não dava para fazer campanha para todos. "Não dá para citar todo mundo. Sei que tem gente brava comigo por aí. Dos 500 mil candidatos a vereadores, acredito que 10%, uns 50 mil, me apoiam. Não dá para falar de todo mundo. Tem gente que diz que não votará mais em mim. Paciência", chegou a afirmar em uma dessas lives.

Desses 58, Bolsonaro pediu votos para 15 candidatos a prefeito e 43 vereadores. Conseguiu eleger cinco prefeitos e 10 vereadores apenas. Algumas das vezes, sequer conhecia para quem fazia campanha. Seus ministros, filhos e assessores encaminhavam seus "peixes" para ele fazer propaganda. "Esse é peixe de quem?", perguntava Bolsonaro no meio da transmissão.

Michelle fez uma participação mais discreta que o marido, na campanha de 2020, mas teve seus preferidos, para quem fez propaganda. A então primeira-dama apoiou, ao menos, quatro candidatos a vereador naquele pleito e nenhum deles foi eleito. O mais conhecido deles foi o ex-ginasta Diego Hypolito, do PSB, candidato em São Paulo. Hoje comentarista de ginástica nas Olimpíadas de Paris,

Estádio Conteúdo



Com ex-presidentes e Tarcísio, Ricardo Nunes foi oficializado como candidato à reeleição pelo MDB em convenção na capital paulista

Reprodução/Redes sociais



Em 2020, Bolsonaro pediu votos para 58 candidatos, mas só elegeu 15

Hypolito era próximo do casal Bolsonaro e posta fotos com ambos. Na disputa, porém, obteve 3.783 votos, tendo sido o 202º mais votado.

Neste ano, Michelle assumiu outro protagonismo. Com a derrota de Bolsonaro na tentativa de sua reeleição e a condição de inelegível até 2030 do ex-presidente, a

ex-primeira-dama se tornou uma liderança proeminente na direita do país. Seu nome é cotado para disputar a Presidência da República e está sempre inserida nas pesquisas de opinião.

Michelle hoje preside o PL Mulher e está empenhada em eleger o maior número de candidatas

mulheres país afora. Nesse ativismo, o casal Bolsonaro apareceu nesta semana pregando em vídeos e mensagens contra proximidade e alianças do PL com o PT nas coligações eleitorais.

"O PL Mulher, na pessoa de sua presidente nacional, vem por meio desta nota reforçar a decisão adotada pelo Partido Liberal, que proíbe qualquer tipo de coligação com partidos de esquerda. As razões para essa decisão são óbvias. Para exemplificar, basta ver o que está acontecendo na Venezuela e quais partidos brasileiros estão se manifestando favoráveis àquele regime ditatorial. Não queremos que o Brasil tenha esse mesmo destino", foi o manifesto de Michelle.

Virada de chave

Nesta eleição, o comportamento do casal é outro. Bolsonaro tem participado diretamente das articulações das chapas, apoiando e vetando nomes, gravando muitas mensagens por onde passa aos aliados e participando de atos e carreatas. Essa mobilização visa também mantê-lo em evidência,

ainda que dificilmente reverta a condição de inelegível para uma "revanche" contra Luiz Inácio Lula da Silva daqui a dois anos.

A família Bolsonaro tem repetido que 2026 começa agora. Um bordão que vale, na verdade, para todos os espectros da política. Os prefeitos e vereadores que serão eleitos neste ano são futuros cabos eleitorais dos futuros postulantes ao Palácio do Planalto, aos governos dos estados e ao Congresso Nacional e Assembleias Legislativas.

Bolsonaro tem a missão de manter a direita com representatividade e, no campo eleitoral, eleger mais prefeitos significa, por exemplo, ter uma bancada forte no Senado em 2026, um objetivo declarado desse grupo, hoje minoria naquela Casa.

Desde o início do ano, Bolsonaro já visitou cerca de 20 cidades, entre os principais colégios eleitorais do país. Esteve em São Paulo, Rio e Belo Horizonte. A estimativa do PL de conquista de prefeituras depende do interlocutor. O presidente da legenda, Valdemar da Costa Neto, já falou em 1,5 mil prefeitos eleitos pela legenda. Bolsonaro, mais comedido, estima entre 500 e 1 mil.

Aliança e "legado democrático"

O MDB oficializou ontem a candidatura do prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, à reeleição. A convenção, no estacionamento da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), contou com a presença do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), do ex-presidente Michel Temer (MDB) e da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Em discurso, Nunes afirmou que será candidato à reeleição para defender o "legado democrático" do ex-prefeito Bruno Covas (PSDB) contra "aqueles que invadem propriedade e apoiam ditaduras" como na Venezuela, em uma referência a Boulos, seu principal adversário no pleito.

Com posição de destaque no palanque da convenção, Bolsonaro defendeu Nunes como seu nome para a capital paulista e disse que o prefeito já provou suas qualidades durante o mandato.

"A todos vocês de São Paulo, o momento não é para pedir, pedir vai ser daqui a alguns dias, mas confiem na gente, façam as comparações, vejam o que tem para frente para escolher, não há menor dúvida que o Ricardo Nunes é nome adequado e justo para São Paulo. Vocês com toda certeza terão uma administração aperfeiçoada e obviamente melhorada com ele à frente da prefeitura."

Com o apoio do ex-presidente sacramentado, Nunes inicia a campanha com o desafio de manter o respaldo do eleitorado bolsonarista ao mesmo tempo em que tenta avançar para o eleitorado de centro. As estratégias delineadas pela campanha priorizam apresentar Nunes como o "melhor síndico" para a cidade, deixando o debate ideológico no fim da lista de prioridades.

Priscila Ramos/MST



Plenária Nacional de pré-candidaturas do movimento feita em julho

PT e MST de olho na reforma agrária

» ÂNDREA MALCHER

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se lança na disputa eleitoral municipal deste ano com cerca de 700 candidatos e a bandeira da reforma agrária. Com a maioria das candidaturas no PT e as demais espalhadas por 12 partidos da base de apoio do governo — incluindo o PSol e o PCdoB —, a influência do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pode aumentar no interior do país.

No início de julho, o MST deu o pontapé inicial em sua Plenária Nacional com mais de 250 pré-candidatos a vereadores, prefeitos e vice-prefeitos, de 22 estados, em um evento na Escola Nacional Florestan Fernandes (Enff), em São Paulo, que contou com a presença de Paula Coradi, presidente do PSol,

o deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) e Simão Pedro, deputado estadual pelo PT de São Paulo.

"Aqui está a representação daqueles e daquelas que verdadeiramente vão simbolizar a luta e as demandas populares. Esse momento simboliza um salto de qualidade para que, nessa nova fase, o MST siga na vanguarda da luta política em nosso país", declarou Orlando na ocasião.

"A agenda do MST vai muito além do campo. Organizar candidaturas no país inteiro fortalece não apenas o movimento, mas toda a esquerda. Vejo muitas mulheres e jovens neste evento, isso é fundamental", completou.

Ao **Correio**, a coordenadora do Grupo Tático Eleitoral do MST, Luana Carvalho, explicou que a ideia é adentrar o campo político para "avançar com a nossa

reforma agrária popular". Segundo ela, os candidatos envolvidos e apadrinhados pelo agronegócio não assustam o movimento.

"A gente não tem uma preocupação com as candidaturas do agro, porque a gente está aqui para fazer a disputa ideológica. Esse também é um objetivo central das nossas candidaturas, é fazer a disputa ideológica. O projeto é esse de sociedade que a gente quer construir", frisou.

Parceria

A troca de apoio entre MST e PT não é de hoje e o partido entrará com o apoio logístico e financeiro àqueles que irão disputar o pleito pela legenda. A orientação política dos candidatos ficará a cargo da presidente nacional da sigla, a deputada Gleisi Hoffmann (PR), e

dos marqueteiros das campanhas de Lula em 2022 e do atual ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em 2018, os publicitários Sidônio Palmeira e Otávio Antunes.

Luana argumenta que o objetivo é ter vitórias políticas que possam resultar em vitórias eleitorais. "Vitória política é quando a gente sai mais forte, independente do resultado eleitoral, que a gente se consolida com uma força política dentro daquele território."

"Que a gente possa construir esse debate, esse diálogo com a sociedade que está ali em cada um desses territórios que a gente vai ter candidaturas, que a gente saia mais forte enquanto MST e que a gente seja de fato uma candidatura reconhecida e consolidada no campo da esquerda, no campo da construção de um novo projeto de sociedade", finalizou a militante.